



IDeIAS

Informação sobre Desenvolvimento, Instituições e Análise Social

Informação Estatística na Investigação: Contribuição da investigação e organizações de investigação para a produção estatística

Rosimina Ali, Rogério Ossemane e Nelsa Massingue

1. Introdução

O presente número do IDeIAS surge na sequência da discussão de aspectos ligados a informação estatística oficial, e é precedido de duas edições que discutiram as questões de acessibilidade (IDeIAS n° 4, de 20 de Novembro de 2008) e de qualidade da informação (IDeIAS n° 7, de 17 de Dezembro de 2008).

Nesta edição, abordamos os principais contributos que uma instituição de investigação como o IESE, pode dar para a melhoria dos produtos estatísticos oficiais disponíveis, mais concretamente no âmbito da criação, qualidade e difusão das estatísticas oficiais.

2. Informação Estatística e Investigação Científica

A investigação cria dinâmicas de informação quer pela pressão de demanda da informação para a construção do estudo de um determinado problema, quer pela análise da situação e/ou resultados da pesquisa. Estas dinâmicas manifestam-se em quatro vertentes principais:

Primeira, para tentar responder as perguntas de pesquisa é necessário definir a informação estatística necessária para tal, gerando pressões para a criação de produtos estatísticos adicionais pelas entidades estatísticas. Adicionalmente, no seu processo de pesquisa, as instituições de investigação podem gerar nova informação estatística (de variáveis não recolhidas pelas estatísticas oficiais ou mais detalhadas a nível micro ou ainda uniformizando a informação já existente para produzir séries de dados mais longas e desagregadas).

Segunda, a melhoria da qualidade dos dados estatísticos está sujeita ao uso desses dados. Neste contexto, quando as instituições de investigação fazem uso da informação estatística, as questões de inconsistências e fragilidades metodológicas da informação são identificadas, o que é o primeiro passo para que tais fragilidades possam ser ultrapassadas.

Terceira, os trabalhos de investigação

contribuem para a difusão da estatística oficial (quando estes são acompanhados dessa estatística).

Quarta, quando esta difusão é feita como suporte de análises sobre problemas reais enfrentados pela sociedade, os trabalhos de pesquisa ajudam a clarificar e evidenciam a importância da própria informação estatística e, desta forma, aumentam o interesse por ela, sua demanda e uso. Por exemplo, enquanto taxas de inflação nacionais de um dígito podem ser ostentadas como um sinal de boa gestão da economia e de preservação do bem-estar dos cidadãos, estes podem não encontrar correspondência nas galopantes dificuldades que enfrentam com o custo de vida. Esta divergência pode gerar desconfiança e desinteresse pela informação estatística. No entanto, uma análise cruzando informação desagregada sobre o nível de preços e rendimento das famílias pode clarificar como o índice de preços afecta diferentes grupos dentro da sociedade. Com efeito, o impacto da evolução dos preços vai afectar diferentemente a população dependendo de que produtos foram determinantes nessa evolução, como evoluíram em regiões diferentes, quais os padrões de consumo nas diferentes regiões e como evoluíram os rendimentos de diferentes grupos. O trabalho de investigação que faz a ligação da informação estatística para responder a questões concretas torna muito mais atractiva a própria informação estatística.

3. Contributo do IESE como Instituição de Investigação

A linha de pesquisa do IESE é guiada por algumas perguntas de partida que determinam necessidades específicas de informação estatística para além de propósitos meramente descritivos das estatísticas vitais. Por exemplo, o IESE pretende analisar a relação entre pobreza e padrões de acumulação e reprodução económica e social. Esta análise coloca exigências de informação que vão muito para além dos habituais exercícios de correlação entre pobreza e crescimento e determinantes estáticos da pobreza. A análise requer informação

desagregada sobre o funcionamento da economia, não só sobre os seus indicadores mais gerais e agregados, e esta informação tem que ser combinada.

Para estudar um padrão de crescimento e acumulação é preciso obter informação sobre produção, emprego, comércio, investimento a quatro ou mesmo seis dígitos, além de informação sobre tecnologia, qualificações, organização das cadeias de produto e valor, etc. Isto envolve compreender as ligações multifacetadas entre sectores, empresas e unidades de trabalho, mas também entre grupos e agentes sociais diferentes. Portanto, além da informação estatística secundária existente, é preciso fazer estudos de caso detalhados que tenham uma sólida base metodológica e teórica. Análises de padrões económicos e de variações nos padrões económicos, importantes para entender as tendências e dinâmicas de longo prazo e as pressões sobre a economia política do desenvolvimento, requerem séries de dados desagregados e de longo prazo.

Quando a informação estatística começa a ser explorada a este nível, os seus limites e lacunas começam a ser identificados: que informação está em falta, os erros, as inconsistências e as possíveis soluções metodológicas, as diversas interpretações da informação, são questões que se revelam com relativa facilidade assim que a informação começa a ser explorada perto do seu limite.

Se esta análise levanta problemas de informação – sobre a disponibilidade e a qualidade, sobre a interpretação e sobre a necessidade de estudos de caso que permitam interpretar melhor a informação – é, no entanto, a que mais contribui para uma sólida discussão de política económica e social. Por exemplo, há muito que se pode especular em torno de taxas de crescimento da economia e quanto crescimento é necessário para que um determinado objectivo (por exemplo, a redução da pobreza a uma certa taxa) seja atingido. No entanto, o que de facto permite fazer uma ligação entre crescimento e pobreza é a análise do padrão (ou dinâmicas) desse crescimento e a relativa diversificação da base produtiva e comercial e alargamento da base social e regional de

acumulação. Não é a taxa de crescimento em si, mas a natureza, ou padrão do crescimento, que determina o impacto do crescimento em qualquer outra variável social e económica.

Na sua tese de doutoramento, Castel-Branco (2002) estava preocupado com as aparentes rupturas, ou descontinuidades, dos processos de crescimento e acumulação económica. Suspeitando tratar-se de um impacto macroeconómico fundamental da estrutura de produção e comércio, o seu estudo começa por desagregar a estrutura produtiva e comercial e o investimento em séries longas (de 1959 a 2000) a quatro e a seis dígitos. A construção de tais séries levou mais de um ano de trabalho e gerou uma secção de metadados na tese explicando como é que as lacunas de dados e inconsistências metodológicas foram ultrapassadas. Esta análise permitiu mostrar como é que os desequilíbrios da balança de pagamentos estão relacionados com a estrutura produtiva e comercial e como é que o padrão de industrialização dominante em Moçambique era, portanto, insustentável. Ao atingir estes resultados, a tese pode avançar na discussão da economia política da política industrial e das direcções de política económica. Sem dúvida teve um alto custo de informação, mas terá contribuído quer para gerar informação (muita da qual é hoje usada para desagregar os efeitos dos mega projectos e discutir a excessiva contracção da economia nacional), quer para melhorar informação existente e para melhor interpretar essa informação.

A utilização de estimativas agregadas e desagregadas podem sugerir diferentes resultados num determinado estudo, para um mesmo período de tempo. Por exemplo, no estudo realizado por Ali (2008) sobre a tendência da desigualdade económica em Moçambique, de acordo com estimativas nacionais sugere que a desigualdade económica em Moçambique sofreu uma ligeira redução de 1996 para 2006. Em contrapartida, a análise desagregada da desigualdade, neste caso até ao nível das grandes regiões (Norte, Centro e Sul de Moçambique) sugere um resultado oposto a este ou seja, um aumento substancial da desigualdade económica nessas regiões.

A análise de um determinado estudo pode estar limitada por ausência de determinados dados e indicadores. Por exemplo, numa análise sobre o Custo de Vida em Moçambique é necessário ter dados do Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Porém, estes dados por si só são limitados para avaliar aquilo que é o custo de vida em Moçambique, uma vez que não permitem fazer uma análise global da estrutura das despesas nem relacioná-la com o rendimento, tornando a pesquisa parcial. Além disso, quando o IPC é usado apenas para determinar se a inflação é alta (acima de um dígito) ou baixa (um dígito), a informação sobre os determinantes do IPC

perde-se. No entanto, esta informação é vital para orientar e focar a recolha de informação e a investigação (por exemplo, quais são os sectores sobre os quais mais informação é necessária por serem determinantes da variação do IPC) e para efeitos de política económica.

O potencial de instituições de investigação como o IESE é enorme e multidimensional no tocante ao seu contributo para a melhoria do sistema estatístico ao questionarem, por exemplo, até que ponto a informação estatística por eles produzida e divulgada responde as exigências dos utentes? Até que ponto a informação por eles produzida mas não divulgada é essencial para a prossecução da investigação? Que informação adicional produzir e/ou disponibilizar? Que níveis de desagregação e que séries temporais de informação estatística é necessário produzir e/ou disponibilizar?

4. Cooperação entre Instituições de Investigação e Entidades Estatísticas

As entidades estatísticas oficiais e as instituições de investigação, como o IESE, deveriam trabalhar em conjunto e continuamente de modo a não só disponibilizarem informação estatística aos utentes mas também influenciar, monitorar, avaliar a informação, o seu formato, e a sua qualidade. Trabalhando em conjunto, estas instituições irão gerar sinergias do ponto de vista de dinâmicas de informação garantindo que os fazedores de política possam tomar decisões com base na melhor informação possível.

Este processo de interacção entre os fornecedores de dados (entidades estatísticas) e os utilizadores (instituições de investigação), garante confiança, integridade e responsabilidade de ambas instituições permitindo não só o acesso mas também a credibilidade dos dados estatísticos.

A qualidade da informação estatística acaba sendo gerada pela relação recíproca entre os que usam a informação e os que a produzem. O tipo de informação estatística produzida responde à uma série de perguntas mas também limita as respostas a que esta mesma informação pode dar a outras questões que possam surgir sobretudo quando se trata de uma análise mais profunda. E, porque as instituições que produzem estatísticas terão certamente dificuldades em responder e/ou formular todos os problemas para a produção das estatísticas então, urge a necessidade de interacção e cooperação entre os usuários e os responsáveis pela produção de tais estatísticas.

Adicionalmente, a interacção poderá promover uma aplicação de melhores princípios, métodos e práticas estatísticas internacionais, por parte dos fornecedores de dados, com vista não só a melhorar a qualidade dos dados

que eles produzem como também garantir a transparência desses dados.

5. Bibliografia

- Ali, R. 2008. Níveis e tendências da desigualdade económica e do desenvolvimento humano em Moçambique: 1996-2006, Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Economia, Maputo, <http://www.iese.ac.mz/?target=investigator&investigatorid=10>
- Castel-Branco, C. 2002. An Investigation Into the Political Economy of Industrial Policy: the Case of Mozambique. Unpublished PhD Thesis. University of London, <http://www.iese.ac.mz/?target=investigator&investigatorid=1>
- IESE. 2007. Programa e Projecto de Trabalho do IESE, 2008-2011. Documento interno
- IESE. 2008. Dinâmicas da Pobreza e Desenvolvimento em Moçambique. Notas conceptuais para o projecto institucional de investigação. Documento interno
- IESE. 2009. Plano Geral do IESE para 2009. Documento interno
- Massingue, N., Ali, R. e Ossemame, R. 2008. Informação Estatística na Investigação: Qualidade e metodologia. IDelIAS nº 7, 17 de Dezembro. Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_7.pdf
- Ossemame, R., Massingue, N. e Ali, R. 2008. Informação Estatística na Investigação: O Acesso à Informação. IDelIAS nº 4, 20 de Novembro. Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_4.pdf